

ERIN DOOM



FABRICANTE  
DE LÁGRIMAS

TRADUÇÃO

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

*A todos os que acreditaram desde o princípio.  
E até ao fim.*



## Índice

Prólogo .....	11
1. Uma nova casa .....	13
2. Conto de fadas perdido .....	23
3. Divergências de opinião .....	35
4. Pensos rápidos .....	47
5. Cisne negro .....	56
6. Um gesto de delicadeza .....	69
7. Um pequeno passo de cada vez .....	79
8. Assim tão celestial .....	97
9. Rosas e espinhos .....	112
10. Um livro .....	129
11. Borboleta branca .....	142
12. Acrasia .....	153
13. Espinhos de arrependimento .....	163
14. Desarmante .....	180
15. Até à medula .....	190
16. Para além das vidraças .....	202
17. O molho .....	220
18. Eclipse da lua .....	235
19. Lá em baixo .....	250
20. Um copo de água .....	262
21. Sem falar .....	281
22. Serei boa .....	288
23. Pouco a pouco .....	296
24. Constelações de arrepios .....	311
25. Rota de colisão .....	338

26. Mendigos de contos de fadas .....	362
27. As meias .....	381
28. Uma única canção .....	395
29. A contragosto .....	415
30. Até ao fim .....	441
31. De olhos fechados .....	460
32. As estrelas são solitárias .....	471
33. Fabricante de lágrimas .....	498
34. Sarar .....	527
35. Uma promessa .....	544
36. Um novo começo .....	552
37. Como o amaranto .....	571
38. Incomensurável .....	595
Epílogo .....	622
Agradecimentos .....	627

## Prólogo

No Grave tínhamos uma infinidade de histórias.

Relatos sussurrados, histórias de embalar... Lendas à flor dos lábios, à luz da vela. A mais conhecida era a do fabricante de lágrimas.

Aludia a um lugar distante, remoto...

Um mundo onde ninguém era capaz de chorar, e as pessoas viviam de alma vazia, despojadas de emoções. Porém, escondido de todos, na sua imensa solidão, havia um homenzinho vestido de sombras. Um artesão solitário, pálido e encurvado, que com os seus olhos claros como o vidro era capaz de fabricar lágrimas de cristal.

As pessoas recorriam a ele e pediam-lhe para conseguir chorar, para poderem experimentar uma réstia de sentimento – porque nas lágrimas oculta-se o amor e a mais compassiva das despedidas. Constituem a mais íntima extensão da alma, aquilo que, mais do que a alegria ou a felicidade, faz com que nos sintamos deveras humanos.

E o artesão satisfazia-as...

Introduzia nos olhos das pessoas as suas lágrimas com aquilo que continham e era isso que elas choravam: raiva, desespero, dor e angústia.

Eram paixões dilacerantes, decepções e lágrimas, lágrimas, lágrimas – o artesão infetava um mundo puro, tingia-o dos sentimentos mais íntimos e extenuantes.

«Lembra-te: não podes mentir ao fabricante de lágrimas», diziam-nos no final.

Contavam-nos essa história para nos ensinar que todas as crianças podem ser boas; que *devem* ser boas, porque ninguém nasce mau. Não é da nossa natureza.

Mas para mim...

Para mim não era assim.

Erin Doom

Para mim aquela não era apenas uma lenda.  
Ele não se vestia de sombras. Não era um homenzinho pálido e encurvado, com os olhos claros como o vidro.  
Não.  
Eu conhecia o fabricante de lágrimas.

## Uma nova casa

*Vestida de dor, ela continuava a ser a coisa  
mais bela e resplandecente do mundo.*

– Querem adotar-te.

Nunca pensei vir a escutar aquelas palavras em toda a minha vida.

Tinha-o desejado tanto, quando era pequena, que por um momento duvidei se não teria adormecido e não estaria a sonhar. De novo.

No entanto, aquela não era a voz dos meus sonhos.

Era o tom de voz áspero da senhora Fridge, temperado por aquele manto de desilusão de que nunca nos havia poupado.

– A mim? – perguntei num fio de voz, incrédula.

Ela olhou para mim com o lábio superior franzido.

– A ti.

– Tem a certeza?

Apertou a caneta entre os dedos gordos e o seu olhar fez-me encolher de imediato os ombros.

– Ficaste surda agora? – ladrou, enfadada. – Ou será que por acaso achas que a surda sou eu? Se calhar o ar fresco entupiu-te os ouvidos, não?

Apressei-me a abanar a cabeça, com os olhos esbugalhados de espanto.

Não era possível. Não podia ser.

Ninguém queria meninos adolescentes. Ninguém queria os mais velhos, nunca, por algum motivo... Era um facto comprovado. Era um pouco como no canil: todos queriam os cachorrinhos, porque eram amorosos, inocentes, fáceis de treinar; ninguém queria os cães que ali se encontravam há uma eternidade.

Não tinha sido uma verdade fácil de aceitar, eu que crescera sob aquele teto.

Quando éramos pequenos, pelo menos olhavam para nós. Contudo, à medida que íamos crescendo, os olhares tornavam-se circunstanciais, e a sua compaixão esculpia-nos para sempre entre aquelas quatro paredes.

Mas agora... *agora*...

– A senhora Milligan quer dar-te uma palavrinha. Está à tua espera lá em baixo; vai com ela dar uma volta pela instituição, e esforça-te para não estragares tudo. Vê se guardas para ti as tuas manias parvas e pode ser que, com um bocadinho de sorte, consigas sair daqui.

Estava com os nervos à flor da pele.

À medida que ia descendo, sentindo o vestido dos domingos roçar-me pelos joelhos, voltei a perguntar-me se aquela não seria talvez apenas mais uma das minhas fantasias.

Era um sonho. Ao fundo das escadas fui recebida por um rosto bondoso: pertencia a uma mulher com uma idade algo avançada, que estreitava um casaco entre os braços.

– Olá – cumprimentou-me com um sorriso, e reparei que olhava diretamente para mim, *olhos nos olhos*, como não me acontecia há muito tempo.

– Bom dia... – exalei em voz baixa.

Disse que me tinha visto há pouco, no jardim, quando franqueara o portão de ferro forjado: avistou-me por entre a relva descuidada e as réstias de luz que se infiltravam no meio das árvores.

– Chamo-me Anna – apresentou-se, quando demos início ao passeio.

Possuía uma voz aveludada, suavizada pelos anos, e eu fiquei a olhar para ela enfeitiçada; perguntei-me se seria possível ficar cativada por um som, ou afeiçoar-me a algo que mal havia ouvido.

– E tu? Como te chamas?

– Nica – respondi, esforçando-me por conter a emoção daquele momento.

– Chamo-me Nica.

Ela observou-me com curiosidade, e eu nem sequer reparava onde estava a meter os pés tamanha era a vontade de retribuir aquele olhar.

– É um nome deveras peculiar. Nunca o tinha ouvido antes, sabias?

– Sim... – Senti a timidez tornar o meu olhar esquivo e ansioso. – Foram os meus pais que mo deram. Eles... bom, eram os dois biólogos. Nica é o nome de uma borboleta.

Do meu pai e da minha mãe guardava, na realidade, muito pouco. E muito vagamente, como se me apercesse da sua presença através de um vidro demasiado embaciado. Se fechasse os olhos e permanecesse em silêncio, era capaz de ver os seus rostos desfocados a contemplarem-me desde cima.

Tinha cinco anos quando morreram.

O seu afeto era uma das poucas coisas de que me lembrava – e, com desespero, do que mais falta sentia.

– É um nome deveras encantador. *Nica*... – Enrolou o meu nome nos seus lábios, quase como se desejasse saborear o som. – *Nica* – repetiu, determinada; em seguida, assentiu com a cabeça num gesto delicado.

Olhou-me de frente e senti-me iluminar. A minha pele parecia suavizar-se sob os seus olhos, como se fosse capaz de brilhar apenas por um olhar correspondido – não era pouca coisa, pelo menos não para mim.

Passámos o tempo a passear pelo orfanato. Perguntou-me se ali estava há muito tempo, e eu respondi-lhe que praticamente crescera ali; estava um belo dia e demos uma volta pelo jardim, caminhando junto à hera trepadeira.

– O que é que estavas a fazer mais cedo... quando te vi? – perguntou entre uma conversa e outra, indicando-me um canto distante, no meio dos rebentos de urze.

Os meus olhos voaram na direção desse ponto e, sem nem sequer saber porquê, senti o impulso de esconder as mãos.

«Não te armes em parva», tinha-me admoestado a senhora Fridge e aquelas palavras lampejavam agora dentro da minha cabeça.

– Gosto de passar tempo ao ar livre – disse em voz baixa. – Gosto... das criaturas que ali vivem.

– Há animais aqui? – perguntou ela, com um pouco de ingenuidade, mas tinha sido eu que não me havia explicado bem e sabia disso.

– Os mais pequenos, sim... – retorqui, dando uma resposta vaga, prestando atenção para não pisar um grilo. – Aqueles que muitas vezes nem sequer conseguimos ver...

Corei um pouco ao cruzar o meu olhar com o seu, mas ela não me fez mais perguntas. Ao invés, compartilhámos um breve silêncio, entre o chilrear dos gaios e os sussurros das crianças que nos vigiavam por entre os vidros da janela.

Contou-me que o marido deveria estar a chegar a qualquer momento. *Para me conhecer*, foi o que deu a entender, e então eu senti o coração tornar-se mais leve, como se pudesse voar. Enquanto regressávamos, perguntei-me se poderia engarrafar aquelas sensações e guardá-las para sempre. Ocultá-las na fronha da almofada e vê-las reluzir como madrepérola na penumbra da noite.

Não me sentia assim tão feliz há muito tempo.

– Jin, Ross, não corram – disse na brincadeira, quando as duas crianças passaram no meio de nós, agitando a saia do meu vestido. Desataram a rir e fugiram escadas acima, fazendo ranger as velhas tábuas de madeira.

Voltando a trocar um olhar com a senhora Milligan, apercebi-me de que estava a observar-me. Fitava de forma alternada as minhas íris com um vislumbre de algo que parecia quase... admiração.

– Tens uns olhos muito bonitos, Nica – revelou-me, passado um momento, sem mais nem menos –, sabias?

Mordi as bochechas com o embaraço e dei por mim sem saber o que dizer.

– Devem ter-te dito isso várias vezes – espicaçou-me, discreta, mas a verdade é que não, nunca ninguém no Grave me dissera nada do género.

As crianças mais pequenas perguntavam-me com ingenuidade se via as coisas a cores tal como as outras pessoas. Diziam que eu tinha «os olhos da cor do céu quando chora» porque eram de uma tonalidade cinzenta surpreendentemente clara, matizada, fora do vulgar. Sabia que muitas achavam os meus olhos esquisitos, se bem que nunca nenhuma delas me houvesse confessado que os achava bonitos.

Aquele elogio fez com que me tremessem os dedos de forma impercetível.

– Eu... Não... mas obrigada – balbuciei, constrangida, fazendo-a sorrir. Belisquei sorratamente as costas da mão e acolhi aquela dor subtil com uma alegria infinita.

Era real. Era tudo real.

Aquela mulher estava mesmo ali.

*Uma família*, para mim... Uma vida com que recomeçar fora dali, fora do Grave...

Sempre acreditei que ficaria ali encerrada entre aquelas paredes durante muito tempo ainda. Mais dois anos, até fazer dezanove anos – e até prova em contrário, essa era a idade em que uma pessoa se tornava adulta no estado do Alabama.

Mas agora não, agora não precisava de esperar mais tempo para atingir a maioridade. Não, não precisava de rezar mais para que alguém viesse buscar-me...

– O que é isto? – perguntou de súbito a senhora Milligan.

Erguera o rosto e fitava enlevada o ar à sua volta.

E foi nesse momento que também eu a ouvi. Uma melodia lindíssima. Ali mesmo, por entre as frestas e o estuque descascado, ressoaram as vibrações de notas harmoniosas e profundas.

Uma música angelical propagou-se pelas paredes do Grave, enfeitiçadora como o canto de uma sereia, e eu senti os nervos encrespem-se na minha carne.

A senhora Milligan afastou-se fascinada, seguindo o som, e eu não tive outro remédio a não ser ir atrás dela, rígida e tensa. Chegou diante do arco de uma sala, a nossa sala de estar, e deteve-se ali.

Ficou assim, parada, como que enfeitiçada, fitando a origem daquela maravilha invisível: o velho piano vertical, obsoleto e algo desafinado que, não obstante, continuava a cantar agora.

E, acima de tudo, aquelas mãos... Aquelas mãos brancas, de pulsos bem definidos, que deslizavam fluidas e sinuosas ao longo da dentadura de teclas.

– Quem é... – sussurrou a senhora Milligan, passado um bocado. – Quem é aquele rapaz?

Apertei os dedos no meio das pregas do vestido; hesitei, e ele, lá ao fundo, parou de tocar.

Os braços detiveram-se devagar; os ombros direitos, erguidos com dignidade, sobressaindo em contraste com a parede.

Depois, sem pressa, como se o tivesse previsto, *como se já soubesse*, voltou-se.

Ao virar-se para trás revelou uma auréola de cabelos fartos e negros como as asas de um corvo. Um rosto pálido, de maxilares pronunciados, onde se destacavam dois olhos amendoados mais escuros que o carvão.

E ali estava, aquele fascínio letal. A beleza sedutora das suas feições, com aqueles lábios imaculados e traços finamente cinzelados, fazendo emudecer ao meu lado a senhora Milligan.

Fitou-nos por cima do ombro, com madeixas de cabelo a roçar-lhe as maçãs do rosto altas e o olhar baixo, brilhante. E com um tremor tive a certeza de o ver sorrir.

– É o Rigel.

Sempre desejei uma família acima de qualquer outra coisa. Tinha rezado para que houvesse alguém para mim, lá fora, disposto a levar-me consigo, a dar-me a oportunidade que nunca tive.

Era bom de mais para ser verdade.

Se parasse para pensar a esse respeito, ainda não era capaz de acreditar. *Ou talvez... não quisesse acreditar...*

– Está tudo bem? – perguntou-me a senhora Milligan.

Estava sentada ao meu lado no banco traseiro.

– Sim – esforcei-me por responder, esboçando um sorriso. – Está tudo... ótimo.

Apertei e entrelacei os dedos no colo, mas ela não se apercebeu de nada. Virou-se de novo, mostrando-me de vez em quando algo do lado de fora da janela do carro à medida que a paisagem deslizava à nossa volta.

No entanto, quase não ouvia o que me dizia.

Devagar, dirigi o olhar para o reflexo do vidro da frente. Ao lado do lugar do condutor, ocupado pelo senhor Milligan, uma massa de cabelos negros assomava por cima do encosto de cabeça.

*Ele* olhava pela janela sem interesse, com o cotovelo apoiado na porta e a têmpera nos nós dos dedos.

– Ali ao fundo fica o rio – disse a senhora Milligan, mas aqueles olhos negros não se dirigiram para o local que ela apontava. Sob as pestanas escuras, as íris fitavam com despreocupação a paisagem.

Então, de súbito, como se me tivesse ouvido, as suas pupilas encontraram as minhas.

Intercetou-me no reflexo do vidro, com os seus olhos penetrantes, e eu apressei-me a baixar o rosto.

Voltei a prestar atenção a Anna, pestanejando e anuindo com um sorriso, mas continuava a sentir aquele olhar a rasgar o ar através do habitáculo, não se desprendendo mais do meu.

Umás horas mais tarde o automóvel abrandou a marcha até que virou, penetrando num bairro protegido pela sombra das árvores.

A casa dos Milligan era uma vivenda de tijolo igual a tantas outras. Possuía uma vedação branca, munida de uma caixa de correio, e um cata-vento engastado no meio das gardénias.

Avistei um alperceiro no pequeno jardim das traseiras, e estiquei o pescoço para poder espreitar, observando aquele recanto verdejante com um interesse genuíno.

– Pesa? – perguntou o senhor Milligan, quando peguei na caixa de cartão contendo lá dentro os meus parques pertences. – Precisas de ajuda?

Abanei a cabeça, feliz por essa sua gentileza, e ele foi-nos mostrando o caminho.

– Venham, é por aqui. Oh, o piso não está em muito bom estado... cuidado com aquele ladrilho, está solto. Estão com fome? Querem comer alguma coisa?

– Deixa-os instalarem-se e arrumarem primeiro as coisas deles – disse Anna, serena, e ele ajeitou os óculos sobre o nariz.

– Oh, claro, claro... devem estar cansados, hã? Venham...

Abriu a porta de casa. Observei o capacho na soleira da porta, onde se lia «Home» e, por um momento, senti os batimentos do meu coração a acelerar. Anna inclinou o rosto, afável.

– Vamos, entra, Nica.

Dei um passo em frente e dei por mim no estreito vestíbulo.

A primeira coisa que notei foi o cheiro.

Não era o cheiro a mofo dos quartos do Grave, nem sequer o das infiltrações de humidade que manchavam o estuque dos nossos tetos.

Era um odor peculiar, pleno, quase... íntimo. Tinha qualquer coisa de especial, e dei-me conta de que era o mesmo cheiro que Anna também possuía.

Examinei o interior da casa com olhos luminosos. O papel de parede um pouco gasto, as molduras que cobriam as paredes aqui e ali; o naperão na mesa de canto, perto do recipiente para as chaves. Tudo apresentava um ar tão vivido e tão pessoal que permaneci por um instante na ombreira da porta, especada, incapaz de dar um passo.

– É um bocadinho pequena – declarou o senhor Milligan um tanto ou quanto embaraçado, coçando a cabeça, mas eu não achei nada disso.

*Meu Deus, era... perfeita.*

– Os quartos são lá em cima.

Anna começou a subir o estreito lanço de escadas, e eu aproveitei para lançar um olhar de soslaio a Rigel.

Segurava a sua caixa debaixo do braço, e olhava em redor com o rosto baixo: os olhos varriam tudo sinuosamente de ponta a ponta, sem deixar transparecer nada.

– *Klaus?* – chamou o senhor Milligan, procurando alguém. – Onde será que ele se enfiou? – Ouvi-o afastar-se enquanto subíamos até ao andar de cima.

Instalámo-nos nos dois quartos que puseram à nossa disposição.

– Aqui costumava haver uma segunda saleta – disse-me Anna, abrindo a porta daquele que iria ser o meu quarto. – Depois foi transformada em quarto de hóspedes. Entendes, caso viesse algum amigo do... – hesitou,

parando de falar por um momento. Pestanejou, esboçando um sorriso. – Não importa... Enfim, agora é teu. Gostas? Se quiseres modificar alguma coisa, ou mudar de lugar, não sei...

– Não... – sussurrei, na soleira da porta de um quarto que por fim poderia classificar como apenas *meu*.

Acabaram-se os quartos partilhados, ou as persianas que cortavam a entrada da luz ao amanhecer; acabou-se o pavimento gélido e empoeirado, ou a monotonia pardacenta das paredes cor de rato.

Era um quatinho discreto, com um belo parquê e espelho de corpo inteiro em ferro forjado no canto do fundo. O vento que entrava pela janela aberta enfunava com suavidade as cortinas de linho, e os lençóis lavados sobressaíam num branco imaculado sobre uma cálida colcha de uma cor escarlate; dei por mim a afagar um dos seus cantos impolutos, quando me aproximei ainda com a caixa debaixo do braço. Esperei que a senhora Milligan saísse dali e depois agachei-me apressadamente para os cheirar: o perfume fresco de roupa lavada inebriou-me as narinas e então fechei os olhos, inspirando fundo.

Como era bom...

Olhei em redor, incapaz de acreditar que tivesse aquele espaço todo só para mim. Pousei a caixa em cima da mesinha de cabeceira, abri-a e vasculhei o seu fundo. Retirei o boneco de peluche em forma de lagarta, um bocadinho encardido e estragado – a única recordação que me restava dos meus pais – e coloquei-o depois no centro da almofada.

Contemplei o travesseiro com olhos brilhantes.

*Meu...*

Passei o tempo a arrumar as poucas coisas que possuía. Pendurei nos cabides, uma por uma, as blusas, a minha camisola amarrotada, as calças; examinei as meias e empurrei as mais rotas e remendadas para o fundo da gaveta, esperando que assim passassem despercebidas.

Quando descí, depois de ter lançado uma derradeira vista de olhos à porta do meu quarto, perguntei-me esperançosa se aquele aroma que pairava no ar também se impregnaria em mim dentro de pouco tempo.

– Têm a certeza de que não querem comer nada? – perguntou Anna mais tarde, olhando para nós com apreensão. – Nem que seja uma coisa leve e rápida...

Declinei, agradecendo-lhe. Durante a viagem tínhamos parado num restaurante de *fast-food* e ainda me sentia saciada.

No entanto, ela não parecia lá muito convencida; contemplou-me por um momento, e depois ergueu os olhos por cima do meu ombro.

– E tu, Rigel? – hesitou. – Estou a pronunciar de forma correta? É Rigel, não é? – repetiu com prudência, recitando-o tal como se escrevia.

Ele anuiu, antes de recusar a oferta dela, tal como eu já havia feito.

– Está certo – acedeu ela. – Em todo o caso, há bolachas e o leite está no frigorífico. E agora se quiserem ir descansar... Oh, o nosso quarto é o último, ao fundo, do outro lado do corredor. Se precisarem de alguma coisa...

Ela preocupava-se.

*Ela preocupava-se, percebi, sentindo uma ligeira vibração no peito, preocupava-se comigo, se comia, se não comia, se precisava de alguma coisa...*

Ela interessava-se de verdade, e não apenas para passar nos controlos sanitários dos Serviços Sociais tal como fazia a senhora Fridge, quando devíamos apresentar-nos limpos e asseados e de barriga cheia na frente dos inspetores.

Não. Ela importava-se de verdade...

À medida que voltava a subir as escadas, correndo os dedos ao longo do corrimão, ocorreu-me a ideia de descer na calada da noite para comer bolachas sentada na bancada da cozinha, tal como via fazer na televisão, nos filmes que espreitávamos pela frincha da porta entreaberta quando a senhora Fridge adormecia na poltrona.

Uns passos fizeram com que me voltasse para trás.

Rigel surgiu nas escadas. Deu a volta, virando-me as costas, mas por algum motivo tive a certeza de que me tinha visto.

Por um momento lembrei-me de que também ele constava daquele quadro bordado com tanto primor.

Que aquela nova realidade, por mais bonita e desejada que fosse, não era apenas doçura, carinho e beleza. Não: no fundo havia um contorno mais negro, como uma queimadura, a marca de um cigarro.

– *Rigel.*

Sussurrei o seu nome de chofre, como se me tivesse pulado dos lábios antes de ter tempo de travá-lo. Ele deteve-se a meio do corredor deserto e eu hesitei, insegura.

– Agora... agora que nós...

– Agora que nós... *o quê?* – indagou a sua voz, daquela maneira tortuosa e subtil que por um momento me fez vacilar.

– Agora que nos encontramos aqui os dois, juntos – prossegui, contemplando as suas costas –, eu... gostaria muito que resultasse.

*Que tudo aquilo resultasse*, mesmo que ele ali estivesse dentro e eu não pudesse fazer nada. Mesmo que ele fosse aquela marca carbonizada, e por um momento rezei para que não devorasse aquele bordado finíssimo... Num arroubo de desespero desejei que aquele sonho de renda não se desmanchasse.

Ele permaneceu imóvel por um instante; depois, sem dizer uma palavra, retomou a marcha. Dirigiu-se à porta do quarto dele e eu senti os meus ombros descaírem com o peso.

– Rigel...

– Não entres no meu quarto – ouvi-o disparar. – Nem agora, nem no futuro.

Dirigi-lhe um olhar inquieto, sentindo desmoronar-se o meu desejo de boas intenções.

– É uma ameaça? – perguntei em voz baixa, ao mesmo tempo que rodava a maçaneta.

Vi-o abrir a porta, mas no último momento deteve-se: girou o queixo e os seus olhos fitaram-me por cima do ombro. E eu vi, um instante antes de fechar a porta, o sorriso perigosamente cortante por cima do canto do maxilar.

Aquele esgar era a minha maldição.

– É um conselho, *falena*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Mariposa noturna, vulgarmente conhecida como traça. Em sentido pejorativo, também pode significar prostituta. (*N. da T.*)